

Eugène de Rastignac e a lição de Teodoro: “Nunca mates o Mandarin”

Jean Carlos Carniel

Doutorando em Letras (Teoria e Estudos Literários)

Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (UNESP), São José do Rio Preto

E-mail: jean.carniel@unesp.br

Bolsista do CNPq

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3082-2983>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 1

Recebido em: 03/09/2020

Aprovado em: 18/01/2021

Resumo

Objetiva-se analisar o romance **O pai Goriot** (1835), de Honoré de Balzac, e o conto “O mandarim” (1880), de Eça de Queirós. As duas narrativas apresentam versões do motivo literário conhecido como “mandarim assassinado” ou “paradoxo do mandarim”, bastante utilizado no século XIX. Almeja-se comparar como esse tema é representado nos dois textos, apoiando-se sobretudo nas considerações de Martins (1963-1964) e de Berrini (1992). Apesar dos diferentes tratamentos, conclui-se que os dois escritores inserem esse tema para abordar, entre outros assuntos, sobre a ambição social dos personagens, a saber, Eugène de Rastignac, no romance balzaquiano, e Teodoro, no conto queirosiano.

Palavras-chave:

Mandarim assassinado; **O pai Goriot**; “O mandarim”; Balzac; Eça de Queirós.

1 Introdução

O francês Honoré de Balzac, no romance **O pai Goriot** (1835), e o português Eça de Queirós, no conto “O mandarim” (1880), apresentam, em suas narrativas, versões do motivo literário que ficou conhecido como “mandarim assassinado” ou “paradoxo do mandarim”, que consiste na seguinte alegoria: o homem cometeria um crime se tivesse a certeza da impunidade?

António Coimbra Martins (1963-1964), numa série de sete artigos publicados na **Revista Seara Nova**, traça um histórico do motivo do mandarim assassinado e defende que essa fórmula foi utilizada por escritores de diversas nacionalidades, ao longo do século XIX, principalmente, de 1835, com a publicação de **O pai Goriot**, de Balzac, até 1899, com o lançamento de *Tuons le mandarin*, de Jean Sigaux. São ainda exemplos o conto “Le mandarin” (1848), de Auguste Vitu, a peça teatral *As-tu tué le mandarin?* (1855), de Albert Monnier e Edouard Martin, o conto “O mandarim” (1880), de Eça de Queirós, e o romance *Un mandarin* (1895), de Félicien Champsaur. Por sua vez, Beatriz Berrini sintetiza os elementos característicos dessa fórmula nas diversas obras em que ela é retomada:

trata-se de (1) um **delito**, um assassinato, que agracia o criminoso com (2) uma **fortuna**, possivelmente uma herança legada pela vítima; essa a vantagem que o assassino irá auferir e, com ela, (3) a certeza da **impunidade**, pois (4) o **local do crime** é **afastado** e, para ele, é a **vítima desconhecida** (5); ela morre graças a um simples desejo, expresso ou não verbalmente, ou após um gesto do interessado: essa a **arma** (6) do crime (BERRINI, 1992, p. 40, grifos da autora).

Portanto, os seis elementos formam uma alegoria de proporções morais que questiona se o homem seria capaz de cometer um crime, cuja vítima seja desconhecida, em troca de uma grande quantidade de dinheiro e com a certeza da impunidade. Nota-se, com base nas considerações de Martins (1963-1964), a importância da obra de Balzac para o desenvolvimento desse tema, pois **O pai Goriot** é uma das primeiras narrativas a abordar o complexo do mandarim.

Por essa razão, decidiu-se analisar esse romance balzaquiano juntamente com o conto “O mandarim”, de Eça de Queirós, pois são dois textos escritos por autores de nacionalidades diferentes, em períodos distantes do século XIX. Há diferenças significativas nessas duas obras e, apesar de o conto queiroso ter sido escrito posteriormente ao romance de Balzac, o personagem Teodoro deixa uma importante lição para Rastignac (e para os arrivistas).

Enguiço, como também é conhecido Teodoro, após ler num livro antigo sobre a fábula do mandarim assassinado, é tentado pelo Diabo e não hesita em cometer um delito. Posteriormente, no fim da narrativa, movido por um remorso questionável, ele exclama a máxima “Nunca mates o Mandarim”, mas essa

afirmação é irônica, pois Teodoro reconhece que todos os leitores também cometeriam um crime se, assim como ele, tivessem oportunidade.

Por sua vez, em **O pai Goriot**, Eugène de Rastignac não compactua com a sedução tentadora de Vautrin e com as implicações evocadas pelo complexo do mandarim, como pretendemos demonstrar adiante. Somente no final da narrativa, Rastignac reconhece a necessidade de se cometer um delito, para ascender socialmente, uma conclusão, de certa forma, bastante similar à de Teodoro, pois os dois personagens concluem que, mais cedo ou mais tarde, o indivíduo precisaria cometer um delito para se alcançar algum sucesso na vida.

Intrigados com as convergências e as divergências entre a trajetória desses dois personagens, Teodoro e Eugène, acreditamos ser pertinente revisitar o romance **O pai Goriot**, por intermédio do paradoxo do mandarim e em comparação com o personagem queiroziano, para uma melhor compreensão das ações de Rastignac, porque, como afirma Carlo Ginzburg (2001, p. 209), “a parábola do mandarim antecipa a evolução da personagem de Rastignac”. Além do mais, indiretamente, as questões dessa fórmula repercutem ao longo da narrativa balzaquiana, como a possibilidade de um rápido enriquecimento por meio de um delito.

2 O mandarim assassinado em Balzac

Em **O pai Goriot**, um personagem bastante marcante é Eugène de Rastignac, jovem do interior que se muda a Paris, para estudar Direito. Na pensão burguesa Casa Vauquer, ele conhece, entre outros, o Sr. Goriot, que outrora fora um rico comerciante, mas, na velhice, vive em precárias condições. Ele é desprezado pelas filhas, Anastácia de Restaud e Delphine de Nucingen, que sentem vergonha do pai.

Rastignac é um arrivista e, logo que chega à capital, passa a observar o lado materialista de Paris e começa a invejar bens materiais e o estilo de vida da alta sociedade. Eugène aprende sobre a importância do dinheiro nas relações humanas e busca, a partir de suas ações, beneficiar-se financeira ou socialmente, mas o provinciano pertence a uma família que não pode lhe oferecer recursos financeiros suficientes para que frequente a alta sociedade. Dessa forma, Eugène, por um lado, almeja os benefícios da vida luxuosa, mas, por outro, sabe que pertence a uma família de pequenos burgueses. As ações de Eugène, portanto, são pautadas pelo desejo de ascensão social e, para isso, ele precisa aprender a manipular as regras da sociedade.

Tendo isso em vista, reforça-se a importância do paradoxo do mandarim no romance balzaquiano, pois as questões referidas por essa fórmula não deixam de evocar os conflitos de Rastignac.

As ambições sociais de Eugène são acentuadas após ele conhecer a Paris material. Nesse sentido, o personagem Vautrin, morador da Casa Vauquer e um criminoso foragido, é uma peça fundamental que permite a Rastignac um melhor conhecimento sobre as regras da sociedade. Vautrin também ocupa um lugar destacado na alegoria do paradoxo do mandarim, por seduzir Eugène ao mundo da corrupção. Ele seria o equivalente ao personagem do Diabo, no conto “O mandarim” e, assim como o Diabo, também poderia representar o Mal, por ser um criminoso.

Segundo Vautrin, para se alcançar sucesso, é preciso abrir caminho “pelo brilho do gênio ou pela habilidade da corrupção. É preciso entrar nessa massa de homens como uma bala de canhão, ou aí se esgueirar como uma peste. A honestidade não serve para nada” (BALZAC, 2015, p. 116-117). Vautrin, dessa forma, evidencia a importância de seguir os caminhos mais curtos (a corrupção), para se alcançar as ambições, evidenciando também que as regras sociais são movidas pelas aparências, como ele próprio afirma: “Portanto, se quer a fortuna prontamente, é preciso já ser rico ou parecê-lo” (BALZAC, 2015, p. 117).

Ao ressaltar a importância da riqueza instantânea para o sucesso nas relações humanas, as intenções de Vautrin aproximam-se do paradoxo do mandarim e reforça a importância da compreensão das regras sociais. Vautrin, nesse sentido, parece concordar com as palavras finais de Teodoro do conto queirosiano, por ressaltar que os indivíduos devem cometer delitos para alcançar as suas ambições. Portanto, o conselho desse criminoso mostra o caráter material da sociedade burguesa e remete ao paradoxo do mandarim assassinado, por destacar a possibilidade de se enriquecer rapidamente, por meio de um crime.

Para além dessa analogia, a fórmula do mandarim assassinado aparece explicitamente em dois momentos do romance. No primeiro deles, num diálogo entre os personagens Rastignac e Bianchon, num passeio pelo Jardim de Luxemburgo:

- [...] Leu Rousseau¹?
- Li.

¹ Cabe mencionar que, apesar de o personagem balzaquiano citar que o motivo do mandarim assassinado teria sido retirado de uma obra de Rousseau, estudiosos, como Paulo Rónai, nas notas de rodapé do romance **O pai Goriot** (2012), apontam que, muito possivelmente, Balzac se equivocou, e a fonte correta poderia ser atribuída a Chateaubriand, na obra *Génie du christianisme* (1802): “Ó consciência! Não serás tu mais que um fantasma da imaginação, ou o temor dos castigos humanos? Interrogo-me com esta pergunta: ‘Se pudesses com um simples desejo matar um homem na China, e herdar-lhe os bens na Europa, com a convicção sobrenatural de que nunca se saberia, consentirias nesse desejo? Debalde exagero a minha indignação, debalde intento atenuar este homicídio, imaginando que por meu desejo o china morrer de repente sem dor, que não tem herdeiro, que nem o estado lhe aproveitará os bens: debalde me represento esse estrangeiro vexado de tristezas e enfermidades; debalde argumento com o bem que lhe é a morte, já invocada e já perto dele... Apesar dos meus vãos subterfúgios, ouço no fundo do meu coração uma voz que tão fortemente brada contra o só pensamento de uma tal suposição, que não posso duvidar um instante da realidade da consciência” (apud MARTINS, 1964a, p. 8, tradução de Camilo Castelo Branco).

- Lembra-se do trecho em que ele pergunta a seu leitor o que faria caso pudesse enriquecer matando na China, só por sua vontade, um velho mandarim, sem sair de Paris?
- Lembro.
- E então?
- Ora! Estou no meu trigésimo terceiro mandarim.
- Não brinque. Bem, se lhe fosse provado que a coisa é possível e que lhe bastasse um aceno de cabeça, você o faria?
- Ele é muito velho, o mandarim? Mas, qual! Moço ou velho, paralítico ou em forma, pensando bem... Diachos! Pois é, não. (BALZAC, 2015, p. 144-145).

O diálogo ocorre após Rastignac ter uma conversa com Vautrin, em que o criminoso tenta persuadi-lo a concordar com um assassinato, com o desejo de tornar Rastignac corrupto. Percebendo que Eugène poderia estar interessado amorosamente em Victorine Taillefer (também uma moradora da Casa Vauquer), Vautrin relata que o irmão da jovem é herdeiro de uma grande fortuna e, se Rastignac concordasse, ele poderia providenciar um assassinato, fazendo de Victorine a herdeira. No entanto, o jovem não consente com o plano, por preferir enriquecer por outros meios e por estar interessado em Delphine, uma das filhas do Sr. Goriot.

Ressalta-se algumas especificidades da fórmula do mandarim assassinado no romance de Balzac, pois a vítima, isto é, o irmão de Victorine, não está geograficamente distante, como esboça Berrini (1992); pelo contrário, Taillefer também se encontra em Paris. Portanto, trata-se mais de uma distância social do que propriamente uma distância geográfica, pois Taillefer não frequenta os mesmos espaços que Rastignac.

Eugène não segue o caminho mais fácil (a corrupção), por acreditar que seria possível alcançar suas ambições por outros meios, como um casamento arranjado com uma das filhas do Sr. Goriot ou por protecionismo (apadrinhamento) de uma distante prima, a viscondessa de Beauséant, que o apresenta à alta sociedade.

Nesse sentido, são válidas as afirmações de Pedro Luzes (1978). O investigador, ao comentar sobre “O mandarim”, defende que Teodoro, “para sair da sua mediocridade e pobreza, não vê outra solução senão o crime. Enquanto Rastignac procura por outros meios alcançar fortuna, êxito amoroso ou mundano e uma carreira política [...]” (LUZES, 1978, p. 108). Com base nessas considerações, em **O pai Goriot**, o tema do mandarim assassinado está intrinsecamente implicado ao desejo de ambição social de Rastignac, que não almeja apenas ter bens materiais, mas também ser alguém reconhecido na/pela sociedade. Em “O mandarim”, por sua vez, ter o reconhecimento da sociedade seria algo secundário, pois o desejo principal de Teodoro é o enriquecimento, que permite a ele uma vida de luxo.

No entanto, a partir da observação da vida parisiense, o jovem provinciano depara-se com a fragilidade das camadas sociais, isto é, Rastignac reconhece que, muitas vezes, é preciso fingir ser alguém, tal como as filhas de Goriot que, apesar

de frequentarem a alta sociedade, passam por dificuldades financeiras. Além disso, é preciso seguir certos códigos, como o da vestimenta (num dos bailes, Rastignac é desprezado por vestir roupas velhas), por exemplo. É, portanto, uma sociedade pautada pelas aparências, em que “ser alguém” e “ter dinheiro” são condições essenciais para o sucesso.

As ações de Eugène, ao longo da narrativa, levam ao aprendizado de que é preciso manipular as regras sociais a seu favor e, muitas vezes, é necessário cometer delitos, como o próprio personagem defende, já próximo ao final da narrativa. Novamente, o paradoxo do mandarim é retomado, também numa conversa entre Bianchon e Rastignac: “– Então matamos o mandarim? – disse-lhe um dia Bianchon, saindo da mesa. – Ainda não – ele respondeu –, mas está nos estertores.” (BALZAC, 2015, p. 163). Acreditamos também que, com esse aprendizado, são evidenciados os conflitos do personagem, pois Rastignac cobiça mais do que a sociedade oferece (ele é um arrivista!), o que pode ser comprovado pelas palavras finais do personagem.

Na companhia de Bianchon, os dois se encontram num cemitério, após o enterro do Sr. Goriot, que morre, solitariamente, sem se despedir das filhas. Rastignac olha para a cidade e exclama: “Agora, somos nós dois! E como primeiro ato do desafio que lançou à Sociedade, Rastignac foi jantar na casa da sra. de Nucingen.” (BALZAC, 2015, p. 289). Tais afirmações indicam que ele daria continuidade ao seu projeto arrivista e tal atitude confirma que ele teria aprendido a lição de que é preciso matar o mandarim, pois demonstra que faria de tudo para alcançar os seus objetivos pessoais e, se necessário, cometeria um delito.

3 O mandarim assassinado em Eça de Queirós

Teodoro, personagem principal e narrador do conto de Eça de Queirós, é um amauense do Ministério do Reino, que vive numa casa de hóspedes da D. Augusta, na Travessa da Conceição, em Lisboa. Este personagem tem, segundo ele mesmo, uma existência “equilibrada e suave” (QUEIRÓS, 1992, p. 81), com uma certa inclinação ambiciosa:

Não que me revolvesse o peito o apetite heroico de dirigir, do alto de um trono, vastos rebanhos humanos [...], mas pungia-me o desejo de poder jantar no Hotel Central com champagne, apertar a mão mimosa de viscondessas, e, pelo menos duas vezes por semana, adormecer num êxtase mudo, sobre o seio fresco de Vénus. Oh! moços que vos dirigíeis vivamente a S. Carlos, atabafados em *paletots* caros onde alvejava a gravata de *soirée!* (QUEIRÓS, 1992, p. 83, grifos do autor).

A ambição, para Teodoro, está estritamente relacionada ao estilo de vida que ele poderia usufruir se tivesse dinheiro, pois o desejo dele é ter acesso a espaços

refinados (jantar no Hotel Central e frequentar o Teatro São Carlos, por exemplo) e ter contato com pessoas de classes sociais mais elevadas.

A seguinte passagem sintetiza o que seria a ambição para ele: “a certeza de que os meus vinte mil réis por mês e o meu jeito encolhido de enguiço² me excluía para sempre dessas **alegrias sociais** vinha-me então ferir o peito” (QUEIRÓS, 1992, p. 83, grifos nossos). Portanto, a felicidade, de acordo com o amauense, está estritamente relacionada ao dinheiro, que, por sua vez, seria capaz de proporcionar as alegrias sociais. Destaca-se essa expressão, para evidenciar uma aproximação com a obra de Balzac, pois, Rastignac também se pauta pelos mesmos princípios de Teodoro, isto é, o jovem provinciano quer se integrar ao mundo burguês e busca o refinamento social. No entanto, os personagens seguem caminhos opostos: Teodoro não hesita em apertar a campainha, isto é, comete um delito na primeira oportunidade; por sua vez, Eugène não consente com a proposta de Vautrin, mas reconhece, finalmente, nas últimas linhas do romance, a necessidade de ser corrupto.

Num primeiro momento, as ambições do amauense são simplórias, porque poder-se-ia imaginar que ele estivesse satisfeito com a vida equilibrada e suave que leva, pois Teodoro afirma que “fazia tudo o que devia como português e como constitucional: – pedi-as todas as noites a Nossa Senhora das Dores e comprava décimos da loteria” (QUEIRÓS, 1992, p. 83). Ou seja, Enguiço parece se conformar que só teria acesso às alegrias sociais por meio de uma intervenção divina (milagre) ou se ganhasse na loteria (sorte e acaso).

No entanto, Teodoro, que tem por hábito comprar livros antigos na Feira da Ladra, lê, numa noite, num capítulo intitulado “Brecha das Almas”, a fórmula do mandarim assassinado:

No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis de que a Fábula ou a História contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdés os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás a campainha? (QUEIRÓS, 1992, p. 85).

Na obra queirosiana, o insólito é um dos recursos utilizados para promover a aparição do tema do mandarim assassinado. Após ler a passagem acima, surge um “indivíduo corpulento, todo vestido de preto, de chapéu alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo de um guarda-chuva” (QUEIRÓS, 1992, p. 89). Para Teodoro, trata-se do Diabo. Portanto, o elemento

² Ressalta-se que Teodoro é apelidado de Enguiço pelos moradores da casa de hóspedes de D. Augusta, pelo fato de ele “ser magro, entrar sempre as portas com o pé direito, tremer de ratos, ter à cabeceira da cama uma litografia de Nossa Senhora das Dores que pertencera à mamã, e corcovar” (QUEIRÓS, 1992, p. 83).

insólito, marcado pela introdução do personagem diabólico, é um traço bastante significativo de como o tema do mandarim assassinado é apresentado por Eça de Queirós³.

No conto, basta que Teodoro aperte a campainha para que o mandarim morra. Ressalta-se também a distância geográfica da vítima, que se encontra no Oriente e cuja origem é desconhecida, ao contrário do romance balzaquiano. Por seu turno, o personagem diabólico incentiva Teodoro a tocar a campainha e evidencia as alegrias sociais almejadas pelo amauense:

– Aqui está o seu caso, estimável Teodoro. Vinte mil réis mensais são uma vergonha social! Por outro lado, há sobre este globo coisas prodigiosas; há vinhos de Borgonha [...] que custam, cada garrafa, de dez a onze mil réis; e quem bebe o primeiro cálice, não hesitará, para beber o segundo, em assassinar seu pai... Fabricam-se em Paris e em Londres carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofos, que é preferível percorrer nelas o Campo Grande, a viajar como os antigos deuses, pelos céus, sobre os fofos coxins das nuvens... Não farei à sua instrução a ofensa de o informar que se mobilam hoje casas, de um estilo e de um conforto [...] Não lhe falarei, Teodoro, de outros gozos terrestres: como, por exemplo, o Teatro do *Palais Royal*, o *baile Laborde*, o *Café Anglais*... Só chamarei a sua atenção para este facto: existem seres que se chamam Mulheres [...] Hoje, Teodoro, é toda uma sinfonia, todo um engenhoso e delicado poema de rendas, *baptistes*, cetins, flores, joias, caxemiras, gazes e veludos... (QUEIRÓS, 1992, p. 91-93, grifos do autor).

O Diabo, dessa forma, persuade Teodoro, evidenciando a vida luxuosa que o amauense poderia ter, caso aperte a campainha. As vantagens destacadas pelo tentador são, de certa forma, uma fetichização das mercadorias, pois os desejos de Teodoro estão relacionados a bens materiais e, em determinadas situações, o luxo pode levar também ao crime, como destacado na citação acima.

Por sua vez, o fetiche pela mercadoria é algo relevante, pois já é evidenciado pela relação de Enguiço com seus livros antigos. Na passagem abaixo, por exemplo, é possível verificar como esses objetos aparecem como fetiches para ele:

o tipo venerando, o papel amarelado com picadas de traça, a grave encadernação freirática, a fitinha verde marcando a página – encantavam-me! Depois, aqueles dizeres ingênuos em letra gorda davam uma pacificação a todo o meu ser, sensação comparável à paz penetrante de uma velha cerca de mosteiro, na quebrada de um vale, por um fim suave de tarde, ouvindo o correr da água triste. (QUEIRÓS, 1992, p. 85).

³ Em “O insólito Eça: a figura diabólica em ‘O Senhor Diabo’ e O mandarim” (CARNIEL, 2020), proponho algumas considerações sobre a figura diabólica presente nessas duas narrativas, objetivando discutir como Eça de Queirós usa elementos do insólito, ao longo de sua produção.

Além do mais, Teodoro almeja as vantagens do mundo burguês, como frequentar espaços refinados, que também seria um tipo de fetiche. Pode-se traçar um paralelo com as considerações de Walter Benjamin, em seu estudo intitulado “Paris, capital do século XIX”. Nesse texto, o filósofo alemão tece uma crítica sobre a fetichização das mercadorias, evidenciando as transformações da relação entre o homem e as mercadorias, a partir do advento da modernidade. Verifica-se que Benjamin disserta sobre algumas das questões relacionadas ao conto de Eça de Queirós.

A partir das ações do personagem queirosiano, pode-se supor que o desejo de Teodoro é se tornar um flâneur, pois ele almeja se descolar por diferentes espaços da cidade, como, por exemplo, do Hotel Central ao Teatro São Carlos. Assim, a seguinte afirmação de Benjamin parece fazer sentido quando se analisa o conto: “[...] a cidade aparece ora como paisagem, ora como aposento” (BENJAMIN, 2009, p. 61). Não nos esqueçamos que o amauense também deseja ter paletós para frequentar o Teatro São Carlos, ou seja, estar bem-vestido é uma imposição para se alcançar as alegrias sociais. Ele, portanto, precisa seguir um padrão de vestimenta para frequentar tais espaços, tal como Rastignac, no romance balzaquiano. A cidade, portanto, torna-se objeto de fetiche, pois as ambições de Teodoro estão relacionadas não somente aos bens materiais, mas também aos espaços sociais que ele poderia frequentar.

Cabe, por fim, mencionar que até a relação carnal é um fetiche, pois Teodoro também deseja adormecer sobre os seios de uma Vênus, deixando como interpretação que a relação sexual não precisa ser necessariamente com uma companheira, mas sim com uma prostituta. Nesse sentido, concorda-se com Benjamin, ao afirmar que “a única comunhão sexual em sua vida [do flâneur], ele a realiza com uma prostituta” (BENJAMIN, 2009, p. 61).

Teodoro, que toca a campainha sem hesitar, recebe a fortuna pouco depois de um mês, por intermédio de um correspondente de um banco. Com o dinheiro em mãos, um dos primeiros pensamentos dele é “um brusco apetite de gastar, de dissipar oiro” (QUEIRÓS, 1992, p. 111). Fica evidente que, para Teodoro, os seus maiores desejos são relativos aos bens materiais, como é constatado pelas suas ações:

Então começou a minha vida de milionário. [...] Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da ILUSTRAÇÃO FRANCESA. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de oiro lavrado, e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de verão. Os meus primeiros meses ricos, não o oculto, passei-os a amar [...] Todas as manhãs lhe arrastrava o regaço de notas de vinte mil réis: ela [a prostituta] repelia-as primeiro com um rubor, – depois, ao guardá-las na gaveta, chamava-me o seu *anjo Totó*. (QUEIRÓS, 1992, p. 111, grifos do autor).

Tal conduta reforça a hipótese de que o paradoxo do mandarim, no conto de Eça de Queirós, está relacionado à fetichização das mercadorias. O trecho acima ressalta os ornamentos luxuosos da casa de Teodoro e pode dialogar com as seguintes afirmações de Benjamin: “o interior [da casa] é o asilo onde se refugia a arte. O colecionador se torna o verdadeiro ocupante do interior. Seu ofício é a idealização dos objetos” (BENJAMIN, 2009, p. 59), pois Teodoro passa a ser um colecionador, uma vez que sua habitação é ornamentada com obras de arte (as gravuras da Ilustração Francesa, os livros clássicos, como o de Catulo, por exemplo) e com aquilo que há de mais luxuoso (barra recoberta de ouro, bordados de pérolas etc.).

Assim que recebe a fortuna, Teodoro olha “para a rua, onde toda uma burguesia se escoava, numa pacata saída de missa, entre duas filas de trens” (QUEIRÓS, 1992, p. 105). No trecho a seguir, constata-se um certo desprezo por essa pequena burguesia, evidenciando-se também que o dinheiro é força-motriz nas relações sociais, pois ter dinheiro também é ter poder, mas Teodoro somente tem consciência disso após ter matado o mandarim:

Apoiei-me à varanda: e ri, com tédio, vendo a agitação efêmera daquela humanidade subalterna – que se considerava livre e forte, enquanto por cima, numa sacada de quarto andar, eu tinha na mão, num *enveloppe* lacrado de negro, o princípio mesmo da sua franqueza e da sua escravidão! Então, satisfações do Luxo, regalos do Amor, orgulhos do Poder, tudo gozei, pela imaginação, num instante, e de um só sorvo. Mas logo uma grande saciedade me foi invadindo a alma: e, sentindo o mundo aos meus pés, - bocejei como um leão farto. (QUEIRÓS, 1992, p. 105, grifos do autor).

Apesar de toda a ambição pelo poder, Teodoro não consegue se adequar à sociedade burguesa, pois, mesmo alcançando as alegrias sociais, Enguiço afirma que “no entanto, vivia triste...” (QUEIRÓS, 1992, p. 117). O motivo do descontentamento se dá pelo fato de o amauense ser assombrado pelo fantasma do mandarim, causando-lhe remorso, ao ponto de ele viajar para a China, na tentativa de devolver a fortuna para a família da vítima. Contudo, ele não consegue encontrar os parentes do ancião e retorna a Portugal, continuando a ver o fantasma do morto.

Próximo ao término da narrativa, o narrador dirige-se diretamente aos leitores e conclui: “E a vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: **‘Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim!’**” (QUEIRÓS, 1992, p. 191, grifos do autor). No entanto, a recomendação de não cometer o crime é irônica, porque, em seguida, o narrador afirma:

E todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta ideia: [...] nenhum Mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e

herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão! (QUEIRÓS, 1992, p. 191).

Com a leitura do conto de Eça de Queirós, percebe-se que, apesar de Teodoro ter um certo remorso, após cometer o crime, não somente reconhece, ironicamente, que, se fosse preciso, mataria novamente o mandarim, mas também afirma que o leitor (tão semelhante a ele) faria o mesmo, se tivesse oportunidade para tal ato.

Considerações finais

Teodoro, no conto de Eça de Queirós, parece se arrepender de ter cometido o delito, pois tenta se livrar da fortuna recebida, mas o Diabo afirma que isso não é possível. Apesar de ter alcançado as alegrias sociais que tanto almejava, ele ainda vive infeliz. No entanto, Enguiço também reconhece a importância de se cometer um crime, por afirmar que os leitores fariam o mesmo. Portanto, a fortuna lhe trouxe uma felicidade instantânea, mas, posteriormente, ele não soube manipular as regras da sociedade, como bem aprendeu Rastignac.

Por outro lado, Eugène, ainda que não tenha intenção de se tornar corrupto, como demonstrado na conversa com Bianchon, no Jardim de Luxemburgo, deixa claro, no final da narrativa, que, para se obter algum sucesso na vida, é preciso perder a virtude e, para isso, é inevitável matar um mandarim, reconhecendo que, mais cedo ou mais tarde, o indivíduo precisaria cometer um delito para ocupar um lugar no mundo.

Referências

- BALZAC, H. de. *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Gomes da Silveira e Vidal de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- _____. *O pai Goriot*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.
- BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 53-67.
- BERRINI, B. Introdução. In: QUEIRÓS, E. de. *O mandarim*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992. p. 15-69.
- CARNIEL, J. C. O insólito Eça: a figura diabólica em “O Senhor Diabo” e *O mandarim*. In: SIQUEIRA, A. M. A.; SOUZA, J. C. S. de. (Orgs.). *A relíquia do mandarim*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 92-111.
- GINZBURG, C. Matar um mandarim chinês, as implicações morais da distância. In: GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 199-218.
- LUZES, P. O “Mandarim” no divã. *Análise Psicológica*. Lisboa: v. 1, n. 3, 1978, p. 107-120.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – I. *Seara nova*. Lisboa, ano 42, n. 1414, agosto 1963a, p. 206-209.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – II. *Seara nova*. Lisboa, ano 42, n. 1415, setembro 1963b, p. 234-237.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – III. *Seara nova*. Lisboa, ano 42, n. 1416, outubro 1963c, p. 160-163.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – IV. *Seara nova*. Lisboa, ano 43, n. 1417, novembro 1963d, p. 190-193.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – V. *Seara nova*. Lisboa, ano 44, n. 1419, janeiro 1964a, p. 7-11.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – VI. *Seara nova*. Lisboa, ano 44, n. 1420, fevereiro 1964b, p. 36-40.
- MARTINS, A. C. O mandarim assassinado (história crítica de uma fórmula) – VII. *Seara nova*. Lisboa, ano 45, n. 1421, março 1964c, p. 71-76.
- QUEIRÓS, E. de. *O mandarim*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

Eugène de Rastignac and Teodoro's lesson: "Never kill the mandarin"

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 6
Number 1

Received in: 03/09/2020
Approved in: 18/01/2021

Abstract:

We aim to analyze the novel *Father Goriot* (1835), by Honoré de Balzac, and the short story "The Mandarin" (1880), by Eça de Queirós. Both narratives present versions of the literary motif known as "murdered mandarin" or "mandarin paradox", widely used in the 19th century. We aim to compare how this theme is represented in these two texts, based mainly on the considerations by Martins (1963-1964) and by Berrini (1992). Despite the different treatments, we conclude that the two writers insert this theme, among other subjects, to address the social ambition of the characters, namely Eugène de Rastignac, in the Balzaquian novel, and Teodoro, in the Queirosian short story.

Keyword:

Murdered mandarin; *Father Goriot*; "The Mandarin"; Balzac; Eça de Queirós.